

# humanitas



Vol. XXXIII – XXXIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS, XXXIII-XXXIV



MCMLXXXI-MCMLXXXII

COIMBRA

entre o texto de PD e as edições de Mai e Rodgers, códices, fontes bíblicas, clássicas, patrísticas e medievais, documentos papais, autores modernos, nomes e lugares do texto latino e alfabético de matérias. As quatro gravuras são todas do *cod. Cas. 361*, o manuscrito autógrafa de Pedro Diácono, que serviu de base a esta bela edição de R. H. Rodgers.

J. G. F.

**Commedie Latine del XII e XIII secolo**, Istituto di Filologia Classica e Medievale, Università di Genova, I, Pubblicazioni dell' I.F.C.M. n.º 48, 1976, 345 p.; II, n.º 61, 1980, 393 p.; III, n.º 68, 1980, 360 p.

O relativo atraso com que apreciamos estas obras da Faculdade de Letras de Génova faz com que se tenham juntado aqui três volumes da mesma colecção. Daí a necessidade de ser mais breve para cada volume. Ressalta, porém, agora melhor uma deficiência da colecção: o rosto dos livros não traz indicação das peças publicadas nem dos editores. Para não nos repetirmos com renovadas menções de títulos e autores, vamos numerar as «comédias» publicadas; e para esta nossa (e única numeração global) remeteremos sempre.

I, 1, *Aulularia*, de Vital de Blois, editada por Ferruccio Bertini. Vital nasceu no fim do séc. XI ou princípio do XII e escreveu a «Aululária» antes de 1145, com um total de 792 versos, tendo como modelo o *Querolus*, peça de autor desconhecido, mas que terá sido escrita entre 407 e 420.

I, 2, *De Afra et Milone*, de Mateus de Vendôme, estudada por Paola Busdraghi. Mateus nasceu na primeira metade do séc. XII e morreu pelo fim do século. Escreveu uma teoria da *Ars uersificatoria*, procurando exemplificá-la nas suas obras. Esta peça tem 256 versos.

I, 3, *Pamphilus, Gliscerium et Birria*, ao cuidado de Annamaria Savi. Com 208 versos, é obra de autor anónimo, o qual faz referências na peça a Paris, Évreux e Lisieux, sendo provável que a tenha escrito na segunda metade do séc. XII. Uma pesquisa aprofundada leva a editora a propor como autor Hugues de Nonant, sobrinho de Arnoul, bispo de Lisieux de 1141 a 1181.

I, 4, *De tribus puellis*, editada por Stefano Pittaluga. O autor anónimo deve ter escrito no fim do séc. XI ou princípio do séc. XII e, embora componha um «centão ovidiano», revela-se culto, deixando pressentir o espírito de um humanista do Renascimento. É constituída por 300 versos.

II, 5, *De nuntio sagaci*, estudada por Gabriella Rossetti, é uma «comédia» de 386 versos, mas parece ter ficado incompleta. Supõe-se que seja de um autor francês que escreveu por cerca de 1080, data recuada, mas que condiz com a métrica do tempo, pois está escrita em hexâmetros leoninos.

II, 6, *Babio*, ao cuidado de Andrea Dessi Fulgheri, de 484 versos. Os investigadores têm feito várias propostas sobre o autor desta obra, parecendo que ela retrata o ambiente inglês de cerca de 1145-1160 do círculo de João de Salisbúria

II, 7, *De tribus sociis*, de Gofredo de Vinsauf, editada por Enzo Cadoni. Galfridus de Vinsauf é autor de uma *Poetria Noua*, escrita nos «ultimíssimos» anos do séc. XII ou nos «primeiríssimos» do século XIII, dedicada a Inocêncio III (1198-1216), onde se encontra a primeira redacção destes 25 hexâmetros.

II, 8, *De clericis et rustico*, a cargo de Enzo Cadoni, são 72 versos em dísticos elegíacos, cuja autoria segura é desconhecida e escritos também em data incerta, talvez na passagem do séc. XII para XIII.

III, 9, *Pamphilus*, editada por Stefano Pittaluga, era tida já como uma comédia «clássica» nas escolas de meados do séc. XII. É impossível conhecer o seu autor ou mesmo a sua região de origem, apenas se podendo verificar que decorre em ambiente social citadino e da aristocracia mercantil, onde já vigorava o conceito de amor cortês. Consta de 780 versos.

III, 10, *Geta*, de Vital de Blois, estudada por Ferruccio Bertini. Escrita por 1125-1130, para ser recitada diante de *clerici* como paródia à escolástica, esta peça, que só indirectamente imita Plauto, com os seus 530 versos, tornou-se «o mais belo exemplo de como se podia reescrever uma comédia clássica utilizando a língua e a versificação ovidiana» (p. 142). O *Geta* e o *Pamphilus* são as melhores peças da época.

III, 11, *Baucis et Traso*, ao cuidado de Giovanni Orlandi. O título é inseguro e é impossível descobrir o seu autor, o qual, dependendo do *Geta*, deve ter escrito pelo terceiro quartel do séc. XII ou mesmo depois. São 324 versos que descrevem um ambiente francês.

III, 12, *De mercatore*, editada por Paola Busdraghi. São exactamente 100 versos, de autor desconhecido, que deve ter escrito pelos fins do séc. XII ou princípios do séc. XIII, tomando como base o conto anedótico de um menino que foi concebido de um floco de neve e mais tarde... se derreteu ao sol. O tema encontra-se noutras fontes, citadas por P. Busdraghi em apêndice (pp. 332-345).

Depois de muitas edições do teatro latino da Idade Média, das quais a mais conhecida é a antologia, em dois volumes, de G. Cohen (Paris, 1931), o Prof. Ferruccio Bertini, de colaboração com os seus colegas e alunos das universidades de Génova e Sassari, propôs-se editar uma colecção completa das chamadas «comédias elegíacas» dos séculos XII e XIII, baseando-se em critérios filológicos rigorosos e numa consulta cuidadosa da transmissão manuscrita e das conjecturas dos eruditos. Para isso dispõe, como se pode ver pela bibliografia citada no fim de cada volume e pelas notas introdutórias a cada uma das peças (donde extraímos a súmula que fizemos na apresentação das obras acabadas de enumerar) de uma autêntica escola de investigadores, servida pela mais moderna bibliografia, hoje riquíssima neste campo (cf. Introduções a I, II e III).

Entre os méritos assinaláveis desta edição encontra-se o de colocar, lado a lado, o texto latino (com anotação de crítica textual) e a tradução italiana (com notas de comentário métrico, linguístico, literário, etc.). Faz-se um exaustivo exame das fontes literárias e paleográficas. A genealogia dos códices é estudada em I, 4 (p. 294), II, 5 (pp. 57-61), II, 6 (pp. 227-230), sendo fornecido o respectivo *stemma*, além destes ainda para a peça III, 10 (pp. 171-172). O estudo e o texto são ilustrados com gravuras dos manuscritos ou dos incunábulos em I: 1, 2, 3, 4; II: 5 (16 gravuras fora de texto após a p. 128); III: 9, 10, 11 e 12.

Um dos mais discutidos problemas das «comédias elegíacas» da Idade Média é a definição do seu género literário, consideradas, alternativa ou cumulativamente, como comédia, drama, entre a poesia e o drama, simples *iocosa materia*, misto de narração e diálogo, sátira douda, monólogo dramático, história agradável ou novela airosa, farsa dialogada, fábula dialogante, paródia, «fabliaux» ou simples exercitação de escola (cf. I, Introd. p. 8; I, 3, 236-237; II, 5, 30-33; II, 6, 193-198; III, 9, 18-28; III, 11, 264-265).

Igualmente é objecto de discussão a finalidade destas peças, isto é, a sua «representabilidade» ou «teatralidade». As opiniões variam também entre as seguintes posições: destinavam-se simplesmente à leitura; a uma «leitura mimada»; leitura com «distribuição de papéis»; um teatro «sui generis», artificial, destinado a um público restrito; autênticas «comédias» escritas para serem representadas. Este problema é abordado em I, 1, pp. 46-47; e II, 6, 186-198 (o melhor estudo da questão).

Alguns dos prefaciadores destas peças dedicam especial atenção à natureza do latim empregado, reconhecido no geral como correcto e até elegante, embora com «medievalismos», tendências vulgares e desvios gramaticais (cf. I, 3, 238-242; II, 5, 41-44; II, 6, 196-201; III, 9, 39-40; III, 11, 250-251). Além da língua em si, estes mesmos estudiosos prestam atenção também ao estilo e suas características, incluindo as técnicas métricas.

A análise das fontes leva à pesquisa de passos ou figuras paralelas nos diversos autores da Literatura Latina. Surge assim Ovídio como o grande modelo, não só da Métrica, mas de hemistíquios, de expressões e de muitas palavras tiradas do seu contexto. O século XI é, com razão, chamado a «aetas ovidiana». Encontram-se também ecos e imitações de Virgílio, Horácio, Lucano, Estácio, Sílio Itálico, Lucrecio, Juvenal, Petrónio, Fedro e, como não podia deixar de ser, de Plauto e de Terêncio. A inspiração cristã fica provada através de citações da Bíblia, da Liturgia, de Prudêncio e de Sedúlio.

Bom número de estudiosos dão-nos o «argumento» ou resumo do enredo da peça. Mais raro é deterem-se na análise dos temas e tópicos ou até do «carácter» das personagens.

Como é sabido, a Literatura Latina Medieval precedeu, na maioria dos géneros literários, as línguas vulgares. As relações entre estas peças e as Literaturas Vulgares é anotada em II, 5, pp. 37-41 (Chrétien de Troyes); II, 6, 132-134 (John Gower); II, 9, 41-44 (cf. sobre o Arcipreste de Hita pp. 42-43 e também referências à *Celestina*, a Chrétien de Troyes, ao *Roman de la Rose*, à *Fiammeta* de Boccaccio e ao *Troilus* de Chaucer); III, 10, pp. 151-159 (Chrétien de Troyes, Boccaccio, Cancioneiro de Baena, Ghigo Bruneschi e Eustache Deschamps).

Falta-nos ainda apreciar o trabalho da crítica textual e dos comentários filológicos. Mas... esta recensão já vai longa. Aguardemos o aparecimento do IV volume que, esperemos, não tardará. Por quanto dissemos, o leitor já concluiu que estamos perante uma colecção digna do maior apreço.

J. G. F.